

**APRESENTAÇÃO ÁGUA VIVA 2021.1****DOI: 10.26512/aguaviva.v6i1.38317**

A presente edição da revista Água Viva vem a lume em um momento particularmente aziago. A revista acadêmica Literatura Brasileira Contemporânea, após vinte e dois anos de circulação e 62 números publicados, foi fechada por falta de apoio econômico. A perda é inestimável, uma vez que a revista é referência na área de pesquisa da literatura brasileira. Sinal dos tempos escuros em que vivemos, mais essa perda nos diminui a todos, como todas as anteriores também fizeram.

Por outro lado, apesar da pandemia, milhares de pessoas, usando máscaras de referência em segurança e procurando manter distanciamento social, se manifestaram contra o governo que nos tem imposto todas essas perdas – sociais, humanas, de conhecimento. Isso nos traz alento e nos faz sonhar com tempos mais felizes, à frente. Entrementes, seguimos resistindo e como parte da resistência, trazemos para o público mais esse número da Água Viva.

Jéfferson Luiz Balbino Lourenço da Silva apresenta o artigo intitulado **TELEDRAMATURGIA BRASILEIRA: UM PANORAMA DESSA EXPRESSIVIDADE NO CONTEXTO BRASILEIRO**, no qual discute as possibilidades da telenovela tal como é feita no Brasil, de alargarem o espectro das discussões sobre temas candentes na sociedade. Para tanto, ele procede, primeiramente, a estabelecer a história da telenovela desde os seus primórdios, e a seguir, utiliza o primeiro beijo gay em uma novela, e as reações que suscitou, como lastro da discussão. Novamente, a história das anteriores tentativas de se levar ao ar um beijo gay é apresentada, bem como as censuras diversas que cada uma levantou. Um texto duplamente relevante, por escolher como objeto de estudo a (desprezada, apesar de sua importância cultural) telenovela, bem como pela temática da representação da homossexualidade nessa mídia.

A CONSTRUÇÃO DO FANTASY EM A PRINCESA E A COSTUREIRA, DE JANAÍNA LESLÃO, de Anderson Rany Cardoso da Silva, Wilder Kleber Fernandes de Santana e Eduardo Dias da Silva, analisam o conto de fadas *A princesa e a costureira*, de Janaína Leslão, à luz da teorização de Tolkien sobre o gênero *fantasy*. A presença de uma trivial costureira em um conto de fadas é o que instaura o gênero, e o inova. Graças a uma predição



de sua fada madrinha, a princesa se apaixonou pela pessoa que passou a mão em suas costas – e essa é a costureira, no afã de tirar medidas para o vestido da noiva. A princesa enfrenta uma série de dificuldades, já que estava prometida desde o nascimento ao príncipe do reino vizinho. No entanto, a partir das viravoltas típicas do gênero, as duas conseguem se casar, enquanto o príncipe casa-se com a irmã da princesa, mantendo assim a ordem nos dois reinos. Novamente, temos um gênero de pouca visitação acadêmica, a fantasia, e também uma história de amor pouco convencional, com direito a final feliz.

O TRABALHO ALIENADO EM A METAMORFOSE DE FRANZ KAFKA, de Thales do Rosário de Oliveira, traz uma discussão sobre o realismo que pode ser divisado na obra fantástica de Kafka. *A metamorfose* se debruça sobre uma temática lastreada no que era bem visível na época do autor: a alienação do trabalho, que deixa de ser controlado pelo trabalhador, que perde não apenas o controle da produção, como também a própria consciência de qual seria o resultado de seu afã. Ao mesmo tempo, ele passa a valer o que produz, e assim, ao se transformar em um inseto e não mais produzir, Gregor Samsa não vale mais nada. Utilizando um aporte teórico composto por textos de Marx e Lukács, o texto discute como o metamorfoseado Samsa dramatiza os efeitos da alienação no ser humano.

Ana Araújo Vázquez apresenta o artigo intitulado FAVELA COMO ESPAÇO FEMININO EM CONCEIÇÃO EVARISTO E ELIZANDRA SOUZA, no qual obras das duas autoras são discutidas como formas de representação da mulher negra, rompendo com as regras de uma literatura dominada pela produção de autores homens brancos. O romance *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo e o poema *Favela, Mulher!*, de Elizandra Souza, ambos escritos por mulheres negras, toma a palavra e apresenta como objeto legítimo de representação literária não apenas a negritude, mas a negritude como é vivida por mulheres.

O DESLOCAMENTO DA PERSONAGEM CLEMENTINA NO CONTO O QUEIXO, DE MARIA ONDINA BRAGA: UM ESTUDO ESTILÍSTICO, de Arthur Almeida Passos, utiliza um aporte teórico estilístico, que é exposto no artigo, para analisar o conto de Maria Ondina Braga. A análise aponta a importância de elementos do estilo do texto na construção de seu sentido.

Beatriz Mendes e Madrugá e Juliane Vargas Welter apresentam NÊNGUA KAINDA E DONA IARA: SÁBIAS, PODEROSAS MULHERES, em que discutem a relevância dessas personagens em suas comunidades. Enquanto Nêngua Kainda é respeitada e se constitui em



referência para sua comunidade rural do século XX, dona Iara, vivendo em uma comunidade urbana presumivelmente no século XXI, enfrenta preconceito e silenciamento. Mesmo as pessoas que recorrem a sua ajuda preferem não falar sobre isso. Ambos os textos são relevantes ao trazer uma perspectiva negra sobre personagens negras.

EU SOU MEU CORPO: VIOLÊNCIA, POESIA E FINITUDE NA PEÇA AS AVES DA NOITE, DE HILDA HILST, de Francisco Alves Gomes, se debruça sobre a peça de Hilst sobre o evento real da morte de um padre católico (depois canonizado) em Auschwitz. Dez prisioneiros (na peça, cinco) são trancados em um Porão da Morte, onde devem perecer de sede e de fome, e seus diálogos, sua convivência, entre ele e com o carcereiro que os visita, revelam as nuances do enfrentamento da morte e da própria carnalidade. A violência que incide sobre os corpos é extrema, e é dessa condição que emana a poesia.

Tatiana Massuno, em **O SILÊNCIO DE FAUSTO**, compara os Faustos de Goethe, Fernando Pessoa e Paul Valery. O Fausto de Valery tenta Mefistófeles, em uma reversão do mito, uma vez que o valor de uma alma, entre um momento histórico e outro, sofreu desvalorização. Obra incompleta, é julgada decepcionante por Chartier. Para o Fausto de Valery, o passado não é fixo, é uma das possibilidades. Esse é o ponto de partida do Fausto de Pessoa. Seu Fausto, também inconcluso, pretendia discutir os limites da inteligência diante da vida. Aqui, a analogia entre todas as coisas norteia o texto, no entanto, essa analogia é a que existe entre a própria coisa e sua sombra.

RIVERÃO SUSSUARANA: CRÍTICA PELA ÓTICA DE BOURDIEU, de Denise Veras, se debruça sobre a recepção de *Riverão Suassuna*, o único romance escrito por Glauber Rocha, em busca das razões pelas quais ele recebeu uma acolhida indiferente. O aporte teórico utilizado é a teoria dos campos, de Pierre Bourdieu. A conclusão é que não é tarde para recuperar o romance e lê-lo ultrapassando os empecilhos à boa recepção, conferindo a ele a relevância que merece. O romance foi recebido em relação ao autor e às polemicas que ele iniciava. Uma vez que a figura do autor e suas relações tensas com o establishment estão fora de cena, o romance pode ser apreciado por seus próprios méritos.

Adelson Oliveira Mendes, em **A POLÍTICA SHAKESPEARIANA TEATRALISTA REPRESENTADA EM HAMLET**, analisa a personagem do rei Cláudio à luz da crítica das obras de Shakespeare, ao lado das teorias sobre o exercício do poder contemporâneas à escrita da peça (como Maquiavel) e atuais, notadamente Foucault.



Em MEU FILHO VAI SER ESCRITOR: PATERNIDADE E ESCRITA EM MY SON'S STORY, DE NADINE GORDIMER, Manfred Rommel Pontes Viana Mourão e Roseli Barros Cunha analisam o romance da escritora sul-africana à luz dos conceitos de Nome do Pai, oriundo da Psicanálise, e de influência segundo Bloom, ou seja, a luta de cada poeta contra seu pai literário, o poeta anterior cuja fama ameaça o poder criador do “filho” literário. O pai do narrador era militante contra o apartheid, mau pai e mau marido, e projetava no filho suas pretensões – “meu filho vai ser escritor”. Mulato, professor de inglês, ele tem uma amante branca, e o filho os surpreende juntos. Assim, o cenário edípico está completo. E ele também dramatiza a posição do colonizado, que procura se apossar do instrumental linguístico e teórico do opressor.

No Espaço Literário, temos o poema de Maurício Fontana Filho, MELODIA MALDITA, que transmite uma sensação de sufocação que pode ser associada à quarentena (mas também a outros temas, como desilusão amorosa). As três primeiras estrofes, todas elas quadras, tem uma forma aproximada de círculo. Esse círculo (vicioso?) que se desfaz na quarta estrofe, posicionada à esquerda, e a quinta, à direita, que é um terceto. A sexta estrofe, um monóstico, se situa novamente à esquerda. Assim, a diminuição de versos nas estrofes finais, também remete ao rompimento de uma situação insustentável.

A seguir, temos o poema SANGUE NEGRO, de Cristóvão José dos Santos Júnior. Aqui, os versos iniciam em pontos diferentes, dramatizando as posições que os negros ocupam na sociedade brasileira. O poema se constrói com uma abundância de paralelismos parciais, que também apontam para as desigualdades onde aparentemente há igualdade. Assim, o poema expressa, não apenas nas palavras, mas em sua própria forma, a denúncia do racismo estrutural.

Profa. Dra. Cíntia Carla Moreira Schwantes

Editora chefe